# "SOU IGUAL JABUTI, VOU BOTANDO OVO AQUI E ALI": UM ENSAIO SOBRE LIDERANÇA E MOBILIZAÇÃO INDÍGENA

**AMILCAR JIMENES**[1]
*FUNAI, BRASIL*
*https://orcid.org/0000-0002-8001-8424*

**RESUMO:** *Este texto foi elaborado com o objetivo de apresentar reflexões, em caráter ensaístico, acerca de questões relacionadas à política indígena, elegendo, como fundamento de discussão, as narrativas sobre a trajetória de um indivíduo engajado em ações protagonizadas por coletivos indígenas. Trata-se da liderança Sebastião Castilho Gomes, indígena kokama que ganhou notoriedade no cenário político indígena na cidade de Manaus, a partir de meados dos anos 2000. A intenção do trabalho é refletir sobre alguns aspectos da experiência vivenciada pelo líder indígena, de modo a tentar compreender em que medida essa trajetória está entrelaçada a dilemas concernentes aos atributos que demarcam as ações de lideranças indígenas. A formulação do presente ensaio está fundamentada em trabalho de campo realizado com interlocutores cujas trajetórias estão relacionadas ao universo da política indígena em Manaus, bem como em reflexões oferecidas pelo mencionado líder indígena, a partir de entrevista.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Política indígena, Lideranças indígenas, trajetórias indígenas.*

**ABSTRACT:** *This paper was elaborated to present reflections, of essayistic character, concerning issues related to indigenous policies, electing, as the core of its discussion, the narratives of the trajectories undertaken by an individual engaged with the actions mainly carried out by indigenous collectives. In this case, this text concerns itself with Sebastião Castilho Gomes leadership, a kokama native who has gained notoriety within the indigenous political scene of Manaus in the mid-2000s, this work intends to reflect on some aspects of the experience lived by the said leader, in order to understand how much of his trajectory is intertwined with the dilemmas stemming from the duties of indigenous leaderships. The writing of this essay was based on fieldwork undertaken alongside interlocutors whose trajectories are also related to Manaus political indigenous scene, as well as on reflections offered by the aforementioned indigenous leader in an interview.*

**KEYWORDS**: *Indigenous politics, Indingenous leadership, Indingenous trajectories.*

[1] Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2019). Indigenista Especializado da Fundação Nacional do Índio. Email: amilcar_jimenes@hotmail.com

## Introdução

Entre os diversos aspectos profundamente analisados a partir de variados campos de pesquisa, o desenvolvimento da nova política indígena no Brasil, verificado nas últimas décadas do século XX, também significou a emergência de importantes quadros representativos. Figuras como Ailton Krenak, Marcos Terena, Raoni Metuktire, Mario Juruna e, em tempos mais recentes, Sônia Guajajara, Joênia Wapixana, Daniel Munduruku e Eloy Terena, afirmaram-se e afirmam-se, cada um ao seu modo, em determinados espaços de atuação, como reconhecidas vozes da política indígena.

Atestando a relevância de determinados indivíduos para a ação política indígena, observa-se a produção de diversas reflexões a respeito do tema, dentre as quais as de Tetila (1994), Graham (2011) e Petroni (2015), explorando aspectos distintos em torno das trajetórias de determinadas lideranças e evidenciando o impacto de suas ações no interior do próprio universo político indígena, bem como no debate público mais amplo. No entanto, além de determinados agentes, cujos nomes alçaram inegável projeção, a política indígena tem se realizado também pelos esforços de uma infinidade de outros personagens-chave, cujas ações resultaram em importantes conquistas para coletivos indígenas em diversos contextos locais e cujas trajetórias muitas vezes passam despercebidas ao olhar mais atento de pesquisadores interessados no tema.

Certamente, essa constatação pode ser apontada, sem qualquer dificuldade, ao cenário da política indígena em Manaus, que, como outros espaços urbanos brasileiros, testemunhou, nas últimas décadas, uma crescente visibilização de coletivos indígenas presentes e atuantes no interior de sua sociedade. É importante dizer que, pelo menos na capital amazonense, esse processo tem se caracterizado pelo desenvolvimento de uma extensa rede de agentes e organizações, a qual transformou tal espaço urbano em palco de importantes mobilizações em favor dos direitos indígenas na cidade[2]. O impacto desse fenômeno pode ser atestado tanto pelas próprias conquistas já logradas, entre as quais, sobretudo, políticas públicas locais especialmente voltadas para os coletivos indígenas[3], como também pela considerável quantidade de análises a respeito do tema, produzidas por pesquisadores dos mais diversos campos de atuação[4].

[2] Como referência, é oportuno constatar que a cidade de Manaus é "disputada" por pelo menos cerca de 30 entidades indígenas, dos mais variados alcances, relevâncias e composições étnicas. Entre elas, inegavelmente se destacam: a *Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro* (AMARN), fundada em 1987; a *Associação das Mulheres Indígenas Sateré-Mawé* (AMISM), de 1994; e a *Coordenação dos Povos Indígenas de Manaus e Entorno* (COPIME), fundada em 2009 e que possui dezenas de comunidades e/ou entidades vinculadas.

[3] Nesse aspecto, destacam-se as políticas de educação escolar diferenciadas, lançadas em meados dos anos 2000, e iniciativas voltadas para o fomento a atividades relacionadas àquilo que se convencionou chamar de "empreendedorismo cultural".

[4] Entre dezenas de estudos voltados para a questão, destaco aqui as publicações impressas: ALMEIDA, Alfredo Wagner; SANTOS, Glademir Sales (Orgs.). *Estigmatização e Território: Mapeamento* Situacional *dos* Indígenas *em Manaus.* Manaus: EDUA, 2008; BERNAL, Roberto Jaramillo. *Índios Urbanos*: *processo*

De modo mais profundo, é imprescindível salientar que a atuação desses grupos e agentes, observada a partir de meados da década de 1980, convergiu no sentido de desenvolver um movimento relativamente coeso e, em consonância com o observado no desenvolvimento da política indígena em nível nacional, com forte vocação institucionalizante. Ou seja, trata-se de coletivos que buscaram, ao longo dessas décadas, organizar-se por meio de entidades especialmente voltadas para disputar o espaço político tanto no interior do próprio movimento indígena, em sua dimensão regional, como em relação à sociedade, em sua esfera local.

A partir de meados dos anos 2000, esse quadro viu emergir uma nova frente de atuação política. Também protagonizada por coletivos indígenas, essa frente nasceu se diferenciando pelo uso intensivo de estratégias mais "diretas" de ação, principalmente ocupações de terrenos em zonas periféricas da cidade, como ato reivindicatório de direito à moradia, e de órgãos públicos, como forma de protesto em relação aos mais variados impasses políticos[5].

Na miríade de trajetórias que perfazem essa nova força política, uma das que mais se destacam é a de Sebastião Castilho Gomes. Também conhecido como "Sebastião Kokama", a esse indivíduo é atribuída a fama de ser a principal liderança daquilo que tomou maiores proporções como "movimento indígena por moradia", o qual, entre desafios e conquistas, resultou na constituição dos mais populosos núcleos comunitários indígenas hoje existentes na cidade de Manaus[6]. Considerando a importância dessa nova ação política para a reflexão sobre os mais diversos temas, o objetivo do presente texto é evidenciar o impacto das atuações de Sebastião Kokama sobre esse campo, incluindo os principais elementos que cercam a figura desse indígena, isto é, as visões de outros indivíduos envolvidos na política indígena, bem como as próprias visões do líder Kokama acerca de seu modo de fazer e vivenciar a mobilização política.

Desde já, é importante pontuar que as reflexões relativas às visões em torno da figura de Sebastião não advêm de uma exaustiva investigação dedicada a essa finalidade, mas de informações fragmentadas, percebidas e captadas ao longo de uma trajetória de pesquisa realizada entre agentes atuantes na política indígena em Manaus. Na esteira disso, é importante situar que o esforço narrativo aqui apresentado se fundamenta indiretamente em um trabalho de pesquisa que começou a ser trilhado em 2011, o que inclui "observações de campo", entrevistas e diálogo com outras pesquisas debruçadas sobre o tema da presença indígena na cidade de Manaus.

Já em relação ao líder Sebastião Kokama, a base de reflexão está fundamentalmente direcionada a informações colhidas a partir de entrevista realizada com o próprio indígena. Nesse ponto, o esforço

*de reconformação das identidades étnicas indígenas* em *Manaus.* Manaus: EDUA/Faculdade Dom Bosco, 2009; FREIRE, Maria do Céu Bessa. *A criança indígena na escola urbana.* Manaus: EDUA, 2009.

[5] Embora especialmente a participação de grupos indígenas em ocupações já fosse fato, com menor dimensão, pelo menos desde as décadas de 1980 e 1990.

[6] Entre os quais se destacam "Parque das Nações Indígenas" e "Parque das Tribos", ambos localizados na zona oeste da cidade.

consistiu, portanto, em levantar elementos trazidos pela memória do entrevistado a respeito de seu engajamento político vivenciado na cidade, bem como suas percepções acerca de suas próprias experiências. Assim, para construir uma narrativa focada na memória de Sebastião Kokama, fez-se necessário analisar esta não como um "depósito de dados, coletivos ou individuais", inferiorizada quando posta diante de uma pretensa historiografia "científica e problematizadora", mas como uma prática cujas finalidades, traduzidas na lembrança, na apropriação, no esquecimento, na criação, definem o próprio espaço de problematização (BARROS, 2009, p. 37-39).

Partindo desse princípio, o processo de construção do corpus documental que fundamenta o presente texto, cujo principal eixo advém da entrevista realizada junto ao principal agente histórico, é concebido aqui como um exercício de conarração, envolvido em práticas de apropriação, diálogo, destruição e contribuição entre as partes (DELGADO, 2003).

## A formação de uma trajetória política

> *"Eram escondidos os índios em Manaus. Eu chegava para eles e dizia: gente indígena, tira essa sandália que não é nossa, tira essa roupa que não é nossa".*
> (Sebastião Castilho Gomes, Manaus, 12.06.2019)

Diferentemente de muitos outros indivíduos que perfazem hoje o movimento indígena na cidade de Manaus, Sebastião faz questão de destacar que sua trajetória política, embora marcada pela atuação na capital amazonense, iniciou-se ainda nos tempos em que vivia na "base"[7].

Sebastião Castilho Gomes nasceu no ano de 1962, na aldeia de Sapotal, em localidade hoje pertencente ao município de Tabatinga (AM), às margens do alto rio Solimões. De acordo com relato do próprio líder Kokama, naquela comunidade, teria sido preparado para uma vida comum aos demais indivíduos de sua geração: o sustento por meio, sobretudo, da caça e da pesca, atividades nas quais, segundo conta, tornou-se especialista[8]. Quando já era um jovem adulto, por volta dos vinte anos de idade, Sebastião teria, em diversos momentos, iniciado suas primeiras reflexões a respeito da situação do povo Kokama, de todas as dificuldades já observadas ao longo de sua vida e de histórias que ouvia dos mais velhos, as quais, naquele momento, começava a compreender. A emergência dessas perguntas o teria impulsionado a aproximar-se da

[7] Há, nesse sentido, em determinados contextos, certa distinção entre as lideranças indígenas atuantes no cenário político manauara, cuja maioria se "formou" e se desenvolveu a partir da vida citadina. Ou seja, parte expressiva das lideranças não tinha maiores vínculos com o movimento indígena em suas comunidades de origem; essas lideranças foram, portanto, movidas ao engajamento na política indígena a partir de questões derivadas dos desafios próprios da vida naquela realidade citadina.

[8] Não que se esteja aqui privilegiando o universo de reprodução material (especialmente o trabalho) como aspecto único à formação de um indivíduo. Trata-se, antes, de um movimento narrativo formulado pelo próprio interlocutor, que fez questão de frisar tal dimensão, quando indagado sobre aspectos mais amplos de sua vida na comunidade de origem.

efervescência política que tomava as comunidades indígenas na região do alto Solimões, na década de 1980. Esse engajamento teria resultado em sua ascensão como um indivíduo atuante nos rumos políticos da aldeia Sapotal, tendo sido, como afirmou, reconhecido como "liderança" entre os demais comunitários. A partir de então, Sebastião Castilho teria participado ativamente do processo de organização do nascente movimento em favor da afirmação da identidade Kokama e da demarcação de suas terras na região do alto Solimões.

Já com certa experiência no meio político, na década de 1990 – mais precisamente no ano de 1994 –, alguns acontecimentos resultariam em uma transformação radical na vida do indígena[9]. Sebastião conta que passou a manifestar desentendimentos com um grupo de indivíduos pertencentes a outra etnia acerca dos rumos da ação indígena na região onde sua comunidade estava inserida. Os desentendimentos escalaram a tal ponto que ele teria passado a receber ameaças daqueles que já considerava rivais. Diante dos riscos de uma ampliação das tensões, as lideranças de sua comunidade teriam recorrido à intervenção da FUNAI, que destacou esforços para solucionar a questão. Conforme narrou Sebastião, os agentes do órgão indigenista resguardaram-no nas dependências de uma unidade militar sediada na cidade de Tabatinga, de modo a proteger a sua integridade física. No dia seguinte, o indígena Kokama foi embarcado com destino à capital amazonense, com o intuito de afastar os riscos de um atentado e apaziguar a situação na comunidade[10].

Como já foi aqui afirmado, esses acontecimentos se teriam desenrolado no final do ano de 1994. Sebastião frisou que, até então, não conhecia a capital amazonense. Apesar de todo o estranhamento e da abrupta e necessária adaptação, não tardou em se envolver nos assuntos da política indígena, ainda que com os olhos voltados para a realidade do alto Solimões. Naqueles anos, os Kokama trilhavam passos cruciais de uma mobilização que teve como primeiros ganhos o processo de reconhecimento da Terra Indígena Sapotal e a criação da principal organização representativa, a *Coordenação dos Índios Kokama do Amazonas* – COIAMA (RUBIM, 2016).

Sebastião teria se tornado um dos agentes da nascente entidade. Ao mesmo tempo, o líder Kokama teria passado a observar e a compreender a situação dos indígenas na capital amazonense, de modo que, pouco a pouco, sentiu-se impelido a dedicar seus esforços a essa

[9] Cabe aqui mais uma vez destacar que o visível hiato entre os anos que marcam o início de trajetória política de Sebastião Castilho Gomes e o decisivo acontecimento do ano de 1994 reflete nada mais que uma lacuna narrativa produzida pelo próprio interlocutor.

[10] Esse ponto do relato coincide com as particularidades que envolveram o processo de afirmação étnica e a reivindicação das terras pelos Kokama. A própria Terra Indígena Sapotal foi delimitada a partir do desmembramento de uma das Terras Indígenas da região do Alto Solimões, demarcadas na década anterior, em favor dos Tikuna. Naquela ocasião (anos 1980), a maior parte dos Kokama que viviam na região não teriam se afirmado como grupo étnico distinto, por isso teriam ficado de fora do processo de demarcação, ou teriam sido incluídos no contingente identificado com os Tikuna. A emergência da organização política Kokama, por meio da COIAMA, teria resultado em certa tensão com a FUNAI, acusada por eles de ter falhado no processo de identificação dos povos do alto Solimões, mas também, em certa medida, com os Tikuna, que, por meio de sua principal organização, manifestaram surpresa com a (re)emergência desse grupo étnico (RICARDO, 2000).

nova realidade. Na época, afirma ter se incomodado com o fato de conhecer muitos "parentes" vivendo em "bodozais"[11], à beira de igarapés, sob difíceis condições de moradia e de sobrevivência e marginalizados nas relações com a sociedade local. Passou, pois, a reunir-se com os indígenas na capital, começando por aqueles pertencentes ao seu próprio grupo étnico, com o intuito de discutir soluções para a transformação da incômoda situação então observada.

Ao longo de alguns anos, Sebastião teria percorrido diversos bairros da cidade de Manaus, na intenção de contatar famílias Kokama e propor a criação de uma comunidade e de uma organização para atuar em favor de seus direitos na capital. Os primeiros encontros foram realizados em uma das residências dos indígenas alinhados à sua liderança, no bairro Grande Vitória, na zona leste de Manaus. Cerca de dez famílias teriam participado das primeiras reuniões. Com a crescente adesão, os Kokama de Manaus resolveram estabelecer-se numa área maior, optando pelo sítio "Nova Esperança", localizado na região do "Ramal do Brasileirinho", nos extremos da zona leste da capital amazonense. Foi a partir desse esforço que se criou a organização então nomeada *Conselho Indígena Kokama de Manaus* – CIKOM, tendo Sebastião sido eleito o primeiro chefe da entidade.

Reconhecido entre seus parentes pela capacidade de liderança, Sebastião Kokama teria sido procurado na mesma época por outros indígenas que buscavam formar uma frente de reivindicação voltada para a falta de moradia na cidade. A partir de então, deixou a atuação da recém-criada organização e passou a dedicar-se inteiramente a essa nova frente. Com o auxílio de um grupo de seguidores leais, passou a participar de ocupações de terras em zonas periféricas da cidade e a liderá-las, tendo-se envolvido direta ou indiretamente, a partir de então, em diversos movimentos dessa natureza, na capital amazonense. Sebastião Kokama contou que, naqueles anos, teve a oportunidade de conhecer muitos "parentes" na cidade, que ficavam "atrás do muro, com medo de dizer que eram indígenas". Com certa insistência, o líder passou a conclamar a participação destes na nova frente de ação.

## [12]O movimento indígena por ocupações

> *"Em todos os bairros tinham índios. Faziam os bairros (ocupações), mas não eram orientados. Lagoa Azul já estava... como sabiam que eu era forte na população do dia para a noite colocava 200 índios para ajudar, aí eles me convidaram".*

[11] *Bodozal* é um termo local utilizado para descrever lamaçais; às vezes, trata-se de áreas alagadas com avançado nível de degradação ambiental. O termo em si, por sua vez, advém da palavra "bodó", o nome popular (local) atribuído a algumas espécies de peixe da família *Loricariidae* (em outras regiões também conhecido como "cascudo"). Trata-se de um animal que normalmente habita águas "barrentas", tais como os inúmeros igarapés e córregos que cortam a cidade de Manaus.

[12] Localizada na zona norte da capital amazonense.

Após liderar a fundação da CIKOM, a primeira participação de Sebastião Kokama em ações por moradia ocorreu no ano de 2008, na ocupação da "Lagoa Azul". Tratava-se de uma frente organizada pelo "Movimento Sem Terra", atuante na cidade de Manaus, e que também contou com a participação de indígenas[13]. Sebastião conta que o teriam convidado, na época, a integrar-se ao movimento, com o intuito de atrair mais indivíduos e ajudar a organizar a frente indígena. Todavia, tal esforço não foi suficiente para manter a ocupação, que acabou sendo desfeita após intervenção das autoridades policiais.

Apesar do desfecho relativamente negativo para os participantes, a "Lagoa Azul" é ainda hoje considerada por muitos indígenas como um marco para a emergência do movimento por moradia em Manaus. Primeiramente, pelo fato de ter sido, talvez justamente pela própria participação dos indígenas, uma ocupação que ganhou as primeiras páginas dos noticiários locais[14] – cobertura essa que teve como ápice a ação de reintegração de posse, cujas imagens e narrativas reacenderam o debate sobre a presença indígena na sociedade local. Em segundo lugar, por ter sido o movimento que permitiu, da parte dos coletivos indígenas, uma necessária experiência de apreensão de táticas, técnicas e formas de organização, mediante contato direto com o "Movimento Sem Terra" em Manaus[15]. Por último, por ter possibilitado a formação de um núcleo de indivíduos dispostos a encarar os desafios de outras ações que ocorreram posteriormente.

Foi com esse núcleo que, no ano de 2011, Sebastião Kokama liderou a primeira grande ocupação majoritariamente protagonizada por indígenas. Aconteceu no local que ficou inicialmente conhecido como "Parque das Nações Indígenas", no dia 19 de abril daquele ano. Trata-se de uma data astuciosamente escolhida: na época, os participantes entenderam que não sofreriam, pelo menos no exato dia da ocupação, qualquer intervenção das autoridades locais. O sucesso da estratégia foi atestado com o passar dos dias, pela manutenção da frente e pela adesão de novas famílias (SOUZA, 2017, p. 20)[16]. Tal como no frustrado movimento de 2008, os jornais locais dedicaram intensa cobertura ao caso, tratando a ocupação como possibilidade de formar-se o primeiro "bairro indígena" na cidade de Manaus. Esse fato explica a razão de que, em seus primeiros meses, os próprios participantes o chamassem de "Bairro das nações indígenas". Depois de intensas dificuldades ao longo de seus primeiros anos, a comunidade acabou se estabelecendo como local de moradia para dezenas de famílias.

Já no ano de 2013, enquanto ajudava a organizar os passos seguintes da comunidade das Nações indígenas, Sebastião Kokama reuniu esforços para uma nova ocupação. Dessa vez, a frente se

[13] Os jornais locais estimavam, na ocasião, aproximadamente 200 indivíduos, no total.
[14] Algo que não se via desde o caso dos Sateré-Mawé, no bairro da Paz, localizada na zona oeste de Manaus, em finais da década de 1980.
[15] Esse aprendizado perpassa, em certo sentido, todo o complexo que envolve as ações de ocupação. Isso inclui a escolha dos indivíduos mais aptos e dispostos a encarar o desafio, o papel de cada um, a escolha dos locais, o momento da ocupação e a própria administração interna das ações.
[16] Em relação àquele primeiro momento, menciona-se a participação de aproximadamente quatorze famílias, constituídas por indígenas Kokama, Miranha e Apurinã.

direcionou para uma porção de terra localizada no município de Iranduba, região metropolitana de Manaus, mais precisamente às margens da rodovia estadual AM-070. A chamada ocupação do "KM-04" foi talvez a maior demonstração de força do movimento liderado por Sebastião Kokama. Diversos relatos atestam que, na época, somente para compor o corpo de "guerreiros", foram recrutados aproximadamente 300 indígenas, que resistiram por dias ao cerco organizado pelas autoridades policiais.

Esse episódio foi, por sinal, um dos que o líder indígena narrou com notável entusiasmo, sobretudo quando explicou alguns dos detalhes vivenciados no processo de resistência dos indígenas ante as diversas tentativas, por parte das autoridades policiais, de desarticular o movimento[17]. Embora tenha sucumbido diante da ação de reintegração de posse, a ocupação do "KM-04" também resultou em uma importante visibilidade, mais uma vez ocasionada pela intensa cobertura dos veículos de comunicação locais.

Depois da tumultuada retirada da ocupação do "KM-04", Sebastião Kokama continuou militando no movimento indígena por moradia, porém de maneira cada vez mais discreta ou indireta. O próprio indígena conta que essa mudança ocorreu em virtude da visibilidade negativa que seu nome tomou para as autoridades locais, resultando em processos judiciais e até em buscas realizadas em sua residência pelas forças policiais. Em virtude de tal situação, nos anos seguintes, o líder Kokama se engajou em ações consideradas menores, como a ocupação que resultou na comunidade do "Paxiubal", localizada na zona norte da cidade, no ano de 2016, e a ocupação "Remanescentes do Tarumã", já no ano de 2019. Nesse meio tempo, também viu emergir, a partir da ação protagonizada por indígenas que outrora compuseram seu núcleo de "guerreiros", a comunidade "Parque das Nações Indígenas", no ano de 2015 – atualmente o maior aglomerado de famílias indígenas na cidade de Manaus.

É importante destacar que, paralelamente às ações por moradia, Sebastião também esteve envolvido, direta ou indiretamente, em ocupações em sedes de órgãos públicos, como a Fundação Nacional de Saúde – FUNASA[18], em 2008, a Coordenação Regional da FUNAI em Manaus, em 2013, o Ministério Público do Estado do Amazonas, em 2014,

[17] Entre as passagens mais marcantes, Sebastião destacou a operação que resultou na sua fuga do local, junto aos seus guerreiros mais próximos. Após dias resistindo, o movimento se teria visto diante da iminente desistência, isto é, os indígenas estavam cada vez mais convencidos de que deveriam ceder, para evitar um confronto que certamente resultaria em desfecho trágico. Contudo, ceder significava, nesse caso, uma fuga segura de todos os que estavam na linha de frente da ação. Como contou Sebastião, os policiais deixaram claro que seu grande objetivo era capturá-lo. Com o intuito de despistá-los, outros indígenas teriam "exercido", por diversas vezes, o papel de Sebastião, como "sósias", devidamente paramentados de modo a confundir aqueles que os cercavam. Ao mesmo tempo, alguns "guerreiros" passaram a realizar incursões no terreno que cercava a ocupação, a fim de identificar um ponto de fuga distante dos olhares dos militares. Depois de avaliar as possíveis rotas, finalmente um plano foi traçado. Contando com a ajuda de outros apoiadores, junto a um grupo de guerreiros mais próximos, Sebastião conseguiu, em uma madrugada, empreender a inevitável fuga. Teriam nadado em meio à mata alagada, até o ponto de encontro onde um apoiador o aguardava com uma pequena embarcação. Uma vez a bordo, todos se dirigiram rumo à região do bairro Tarumã, na outra margem do rio Negro, encerrando assim a ocupação do KM-04.

[18] Na época o órgão responsável pela promoção da saúde para as populações indígenas no Brasil.

e a sede da então Secretaria do Estado para os Povos Indígenas (SEIND), em 2015. Todos esses movimentos, suscitados por diferentes razões, nem sempre relacionadas diretamente à moradia, também ajudaram a promover as ações do grupo. Ao longo desses anos, segundo conta, o coletivo de indígenas protagonista dessas ações acabou recebendo várias denominações de suas próprias lideranças. A que talvez tenha ganhado mais evidência foi a MOVIMEL, sigla para *Movimento Indígena por uma Vida Melhor*.

## Visões em jogo

*"Quando você tem um perfil de líder, de cacique, todo mundo quer te derrubar [...] você é ticado que nem um peixe"*

Quando os diálogos se trilharam em direção às opiniões a respeito de Sebastião Kokama entre indivíduos atuantes no cenário político manauara, foi possível observar uma clara diferenciação entre, basicamente, dois grupos.

Entre aqueles que, em algum momento de suas trajetórias, somaram esforços junto ao líder indígena, mesmo os que reconhecem o caráter muitas vezes controverso de suas ações, há sempre a recorrente afirmação de que se trata de alguém que possui "muitas histórias pra contar". Não há como negar que essas menções geraram expectativas ante um almejado diálogo com o próprio Sebastião – as quais, de certo modo, foram atendidas. Em certo sentido, é possível que essa constatação aproxime o caso de uma questão importante, do ponto de vista das reflexões em torno das narrativas orais: aqui talvez seja possível constatar, na esteira do que discute Ramos Júnior (2019), um certo regime de produção da memória, que inclui, entre tantas faces, a eleição de um indivíduo geralmente mais apto a transmitir as experiências, mesmo quando vividas coletivamente. Não significa que esses interlocutores tenham se negado a contar suas impressões a respeito de episódios que foram certamente marcantes em suas vidas (nesse caso, as histórias de ocupações), mas, talvez pelo fato de que nessas ações tenham ocupado lugares específicos (na maioria das vezes, tratavam-se de "guerreiros"), é possível que tenham reconhecido o caráter fragmentário de suas memórias acerca dos acontecimentos, remetendo a Sebastião, na condição de liderança, a capacidade de oferecer um olhar mais amplo sobre os fatos, bem como sobre aspectos mais críticos envolvidos. Em outra via, a reiterada indicação de Sebastião Kokama como indivíduo "mais apto" a contar as histórias pôde ser atestada na dimensão performática de sua ação narrativa. Na ocasião da entrevista, o indígena mostrou distinta capacidade de transmitir suas experiências, lançando mão profusamente de expressões, de gestos e de intenso uso do espaço

onde o diálogo sucedeu[19] – recursos que, em certa medida, poderiam talvez ser mais bem compreendidos quando colocados na perspectiva de uma "performance cênica".

Por sua vez, da parte daqueles que afirmavam não ter qualquer histórico de proximidade com as ações atribuídas aos coletivos perfilados à Sebastião Kokama, é evidente o reconhecimento do indígena como principal liderança da nova frente política que surgiu em meados dos anos 2000. Todavia, essa distinção é frequentemente cercada de críticas a respeito dos métodos de ação e de organização atribuídos aos coletivos que caminharam junto ao líder kokama. Sem entrar no mérito de inúmeras afirmações dessa natureza, é inegável que denotam, no mínimo, os impactos gerados pela emergência dessas novas coletividades – "a turma do Sabá Kokama" – no cenário político indígena manauara e, acima de tudo, de novas formas de ação reivindicatória, uma vez que desnudaram os limites daquela frente que, ao perceber o nascimento dessa nova força política, logo reivindicou a posição de "estabelecida" no campo de forças local.

Esse aspecto, por sua vez, indiretamente já nos coloca sob o ponto crucial acerca das distintas visões que definem conceitos como *organização* e *liderança*, defendidas por Sebastião Kokama e seus críticos. Nesse sentido, vale mencionar que as ações protagonizadas pelos coletivos "liderados" pelo líder Sebastião Kokama ou pelos que tiveram alguma relação com ele, além de toda a efetividade já aqui descrita[20], acabaram por estabelecer um novo momento na história recente dos grupos indígenas presentes na malha urbana manauara. Definitivamente, as ações em prol de moradia e as ocupações de órgãos públicos resultaram em uma intensa visibilidade, de modo que qualquer não indígena que desconhecesse as entranhas da política indígena local concluiria – como muitos certamente concluíram – que ali residia a efetiva representação da presença indígena na capital amazonense, mesmo com todas as objeções – justas ou não – que a cercavam. Observando essa trama, muitas das lideranças que não se incluíam nos esforços protagonizados pela "turma do Sebastião" passaram a demarcar seus posicionamentos, enfatizando o distanciamento em relação ao movimento emergente, bem como manifestando total discordância em relação aos métodos que este utilizava.

Esse exercício de tentar compreender e atribuir sentidos às ações protagonizadas pelo grupo emergente acabou, não raras vezes, expressando-se por meio de adjetivações – especialmente as negativas a respeito do movimento – às vezes até "emprestadas" de setores (anti-indígenas) da sociedade local[21]. Desse modo, não seria exagero concluir que, entre aqueles que viram suas ações e estratégias "eclipsadas" pela

[19] Na maioria das vezes de pé, caminhando de um lado para o outro, demonstrando claro empenho e entusiasmo.

[20] Tal efetividade pode ser atestada, de modo geral, pela conquista de novos domínios territoriais por famílias indígenas na capital.

[21] Não era incomum encontrar, em veiculações na imprensa local, afirmações no sentido de apontar que não se tratava de "índios de verdade" e que eram "vândalos", envolvidos em práticas criminosas, entre outras críticas igualmente contundentes.

novidade observada a partir de meados dos anos 2000, Sebastião Kokama personifica todos os eventuais predicados negativos que pairam sobre o movimento que ajudou a alavancar.

Por sua vez, Sebastião Kokama demonstrou, ao longo da entrevista, estar ciente dos rumores que orbitam em torno de seu nome e fez questão de tocar no assunto de forma aberta. Falou sobre as decisões que tomou ao longo de sua trajetória política, escolhas que o envolveram em inúmeros desentendimentos, resultando no afastamento de antigos aliados e às vezes até na emergência de novos rivais. Ao mesmo tempo, o trecho de sua narrativa em que formula uma analogia entre o inevitável fardo que todo líder carrega e o "peixe ticado" é um bom exemplo de como Sebastião Kokama expressou essa compreensão. Nesse sentido, vale destacar que "ticar" é uma palavra que, possivelmente utilizada em todo o contexto amazônico brasileiro, tem aqui uma conotação muito particular. Literalmente, *ticar* é nada menos que o procedimento de realizar incisões ao longo do corpo de um peixe, no momento em que este é "tratado"[22], com o intuito de facilitar o manejo e a retirada de suas espinhas, quando efetivamente consumido. Em outros contextos, a palavra é utilizada também como sinônimo de ferimentos causados por qualquer tipo de objeto perfurocortante, em situações de conflito. Desse modo, obviamente, o sentido encontrado na narrativa de Sebastião Kokama afirma o quanto seu nome pôde ter sido envolvido em afirmações que dizem muito sobre as inevitáveis controvérsias que cercam a atuação de qualquer liderança, mas também sobre sua relação com quem as vocaliza, dentro de um contexto de permanente disputa por espaço e protagonismo no interior de um movimento social e político. Em outras palavras, isso demonstra a consciência de que se trata de uma questão comum para um indivíduo que optou pelo caminho por ele trilhado: pôr-se à frente de um movimento que, por si, é observado segundo diversas e contraditórias visões o colocou inevitavelmente em um lugar de extrema exposição. Eis aí parte de sua lição acerca do que é ser um líder.

No entanto, de todas as qualidades negativas comumente associadas ao nome de Sebastião Kokama, uma das mais recorrentes é aquela que atribui ao indígena um modo de agir marcado pela ausência de organização, pelas estratégias de confronto direto – consideradas por muitos como arriscadas – e, acima de tudo, pela imprevisibilidade. Trata-se de uma crítica muito comum até entre aqueles que com ele militaram em algum momento, mas também, e sobretudo, entre indígenas relacionados ao aglomerado de organizações que passou a reivindicar a posição de "estabelecido" no cenário político local. Nos dois casos, essa questão enseja um sentido que pode ter implicações para uma reflexão mais ampla sobre a política indígena e, talvez, para os movimentos sociais, num plano geral. Do ponto de vista dos que a vocalizam, isso pode ser observado como uma inclinação no sentido de demarcar um ativismo progressivamente submetido às regras institucionalmente estabelecidas. Isto é, desse ponto de vista, um movimento social deve ter pautas definidas, estabilidade, organização, talvez reconhecimento das

[22] "Tratar", aqui, significa retirar as partes indesejáveis e preparar para o cozimento.

regras de disputa (leis) e, principalmente, deve cultivar certa constância em suas ações[23]. Sebastião Kokama representaria a antítese desses princípios. Um dos exemplos nesse sentido pode ser observado no fato de que, apesar de ter liderado e mobilizado indígenas em importantes ocupações – que depois se estabeleceram como comunidades –, Sebastião Kokama não parece ter dedicado maiores esforços em se estabelecer como liderança permanente (cacique) em nenhuma delas. Basicamente, seu papel em todos esses episódios findou justamente a partir do momento em que tais esforços resultaram em certa "irreversibilidade", isto é, à medida que os riscos de "reintegrações de posse" chegavam a um grau que indicasse a mínima segurança para a permanência das famílias envolvidas[24].

Por outro lado, o que outros enxergam como atributo negativo no perfil de uma liderança, Sebastião defende como uma virtuosa capacidade. "Sou igual Jabuti, boto ovo aqui e ali" é o trecho de sua narrativa que melhor expõe essa definição, aludindo ao fato de que muitos dos seus "guerreiros" posteriormente se transformaram em caciques ("são todos meus piolhos") e são, portanto, nada menos que parte de seu legado político. Ele cumpre, assim, aquilo que entende ser o seu papel no interior da ação política indígena. Mais uma vez, Sebastião Kokama demonstra uma concepção particular acerca do que entende como uma liderança indígena. Em outras palavras, um "jabuti" que bota "ovo aqui e ali" é a expressão precisa de um líder cujo engajamento se afirmou na tentativa de abrir caminhos para novas possibilidades de vida para seus "parentes" na cidade: é aquele capaz de reunir outros indivíduos em torno de seu propósito, de traçar estratégias de ação eficazes para "puxar" o movimento e de semear a possibilidade de novos atores e novas direções. Desse modo, o que é por vezes tratado como uma espécie de coesão efêmera, no interior de tal movimento, e como um modo de agir "inconstante" pode ser entendido, a partir da narrativa de Sebastião, como uma ação marcada pela intensa dinamicidade necessária a um movimento que atua sempre na fronteira dos marcos legais[25], mas que não é por isso menos legítimo em seus objetivos.

## Considetações finais

Convém explicitar que os dados colhidos e aqui apresentados, os quais cercam o universo de ações atribuídas a Sebastião Castilho Gomes, talvez estejam aquém de uma possível imersão mais profunda em debates

[23] Nesse ponto, talvez seja oportuno, mais uma vez, falar sobre o cenário mais amplo da política indígena no Brasil. Trata-se de um movimento historicamente caracterizado pelo desafio a determinados marcos legais, em sua emergência, mas que, ao mesmo tempo, demonstrou um progressivo alinhamento a regras, procedimentos e modos de fazer política considerados comuns ao "mundo não indígena".

[24] De modo geral, a partir desse ponto, as demandas internas passam a orbitar em torno de aspectos voltados para o efetivo estabelecimento das comunidades, tais como saneamento básico, acesso à saúde, infraestrutura,etc.

[25] Não há como negar que, do ponto de vista jurídico, as estratégias reivindicatórias via ocupações de terra, pelo menos do modo realizado pelos movimentos liderados por Sebastião Kokama, estão distantes de invocar consenso jurídico.

relacionados a temas como *chefia* e *liderança*[26]. Pelo entendimento aqui defendido, essa aproximação necessitaria de uma investigação mais detida sobre, entre outros eixos, o histórico de relações de Sebastião Kokama com seus correligionários e aliados. Diante de tal limitação, o que se buscou aqui foi compreender como as particularidades que cercam a atuação de Sebastião Kokama e seu próprio entendimento sobre a ação mobilizatória resultaram, num plano mais amplo, em uma tensão que diz muito sobre o cenário da política indígena local, mas também, em certa medida, sobre os rumos tomados pelo movimento indígena no Brasil, ao longo das últimas décadas.

Reafirmado o escopo da presente reflexão, coloquemos a figura de Sebastião Castilho Gomes no cenário histórico que constitui sua trajetória na política indígena. Primeiramente, deve-se frisar o fato de que sua ascensão enquanto liderança se insere num contexto de intensa ebulição promovida por inúmeros agentes e organizações que já compunham o movimento indígena na cidade de Manaus. Essa foi uma conjuntura favorável ao diálogo com a sociedade "envolvente" e à efetiva inserção de pautas do movimento indígena nos rumos dirigidos pelo poder instituído local[27]. As ações em prol do direito à moradia elevaram essa atmosfera de expansão e ganhos a patamares inéditos. Isto é, já não se tratava de dialogar no sentido de efetivar políticas públicas imbuídas na salvaguarda e na promoção das particularidades socioculturais que envolviam a vida desses grupos, mas de efetivamente reivindicar o direito à dimensão territorial dessa cidade, muitas vezes medindo forças com o poder constituído e com interesses de determinados setores locais, detentores de reconhecida influência político-econômica.

Ao mesmo tempo, todo o conjunto de ações claramente gerou impactos não somente para a relação entre indígenas e não indígenas, mas fundamentalmente no interior da complexa rede de agentes e organizações até então hegemônicos na política indígena local. Pela destacada atuação, Sebastião Kokama tornou-se o principal símbolo do novo movimento emergente, em grande medida personificando o novo modo de fazer política que se apresentava entre os indígenas em Manaus.

No todo, a breve discussão aqui apresentada mostra a necessidade de uma análise mais detida da figura de indivíduos que apresentem o mesmo "perfil" de atuação de Sebastião Castilho Gomes. Mesmo reconhecendo que sua própria trajetória esteja muito além das questões aqui tratadas, não há como negar que as discussões ao redor de seu modo de fazer e entender a ação mobilizatória atravessa temas sensíveis para, na menor das hipóteses, a própria política indígena. Nesse sentido, não é exagero afirmar que a trajetória de Sebastião demonstra a importância de formas de mobilização que resultam, não raramente, em intensos processos de dinamização de ações coletivas. Trata-se de uma referência

[26] Esses conceitos, como se sabe, têm um profundo valor reflexivo para determinados segmentos do pensamento etnológico.

27 É fato que o cenário político-institucional da cidade de Manaus, em meados dos anos 2000, abriu portas para o efetivo diálogo com minorias sociais e étnicas existentes naquele espaço urbano. Os resultados colhidos, entretanto, ainda que constantemente celebrados, sob uma análise mais atenta, ainda inspiram a impressão de uma "institucionalização marginalizada" das pautas emanadas de grupos minoritários.

de atuação que emergiu pela capacidade de assumir riscos que outros personagens-chave, embora muitas vezes considerados até mais "representativos" em determinados circuitos de ação política organizada, por inúmeras razões não são capazes de enfrentar. É um tipo de liderança que oferece os atributos necessários a processos irruptivos no interior de movimentos como a política indígena, cujo próprio impulso carrega as marcas de um fenômeno histórico que até poucas décadas era encarado como algo fadado aos escombros da história.

**Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Alfredo Wagner; SANTOS, Glademir Sales. (Orgs.). **Estigmatização e Território:** Mapeamento Situacional dos Indígenas em Manaus. Manaus: EDUA, 2008.

BARROS, José D'Assunção. História e memória– uma relação na confluência entre tempo e espaço. **MOUSEION**, vol. 3, n.5, p. 35-67, Jan-Jul/2009.

BERNAL, Roberto Jaramillo. **Índios Urbanos**: processo de reconformação das identidades étnicas indígenas em Manaus. Manaus: EDUA/Faculdade Dom Bosco, 2009.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História Oral e Narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, São Paulo, v. 6, p. 9-25, 2003.

FREIRE, Maria do Céu Bessa. **A criança indígena na escola urbana**. Manaus: EDUA, 2009.

GRAHAM, Laura. **Citando a Mário Juruna**: imaginário linguístico e transformação da voz indígena na imprensa brasileira. Mana, Rio de Janeiro: Museu Nacional da UFRJ, n. 17(2), p. 271-312, 2011.

PETRONI, Mariana da Costa Aguiar. Índios em movimento: a trajetória política de Álvaro Tukano. 2015. 257 f. **Tese** (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, Unicamp, Campinas, SP, 2015.

SOUZA, Fabrício F. Índios citadinos: a constituição de uma comunidade multiétnica no bairro do Tarumã, Manaus, AM. 2017. 124 f. **Dissertação** (Mestrado em Sociedade e Cultura da Amazônia) - PPGSCA, UFAM, Manaus, AM, 2017.

RAMOS JÚNIOR, D. V. Encontros epistêmicos e a formação do pesquisador em História Oral. **História Oral**, v. 22, p. 359-372, 2019.

RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). **Povos Indígenas no Brasil**: 1996-2000. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.

RUBIM, Deyse Silva. Traçando novos caminhos: ressignificação dos Kokama em Santo Antônio do Içá, alto Solimões – AM. 2016. 132 f. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social), PPGAS, UFAM, Manaus, AM, 2016.

TETILA, José Laerte Cecílio. Marçal de Souza **Tupã'I:** um guarani que não se cala. Campo Grande: Editora UFMS, 1994.

Recebido em: 26/07/2021 * Aprovado em: 14/04/2022 * Publicado em: 30/04/2022